

ELEMENTOS DA DIÁSPORA NEGRA EM DEUSES AMERICANOS E EM PAULINA CHIZIANE

Lunara Caroline Nascimento Gomes

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

lunaracarolline@hotmail.com

RESUMO:

Este trabalho propõe um diálogo entre duas obras contemporâneas que revisitam elementos próprios do tema da Diáspora Negra. Os objetos de análise são compostos por uma cena pertencente à série “American Gods” (Uma adaptação do romance de mesmo nome do escritor Neil Gaiman) e a poesia “Onde estão eles?”, presente no livro “O canto dos escravizados” da escritora Paulina Chiziane. A série tendo sido lançada no ano de 2017 e o livro de Paulina Chiziane, em 2018, trazem à tona o resgate da memória sobre o referido tema. É de grande importância que tenhamos diferentes e novas vozes artísticas revisitando este campo, alargando ainda mais o diálogo para uma compreensão ainda maior das heranças racistas, dos processos de desigualdade social e das resistências das populações afrodescendentes, como sugerido pela poesia e pela produção audiovisual.

PALAVRAS-CHAVE: Diáspora Negra; Paulina Chiziane; Deuses Americanos.

ABSTRACT:

This work proposes a dialogue between two contemporary works that revisit elements of the theme of the Black Diaspora. The objects of analysis are composed of a scene belonging to the series “American Gods” (An adaptation of the novel of the same name writed by Neil Gaiman) and the poetry “Onde estão eles?”, present in the book “O Canto dos Escravizados” writed by Paulina Chiziane. The series having been released in the year 2017 and the book of Paulina Chiziane in 2018 bring up the memory rescue on the subject. It is of great importance that we have different and new artistic voices revisiting this field, further widening the dialogue for an even greater understanding of the racist heritages, the processes of social inequality and the resistance of Afro-descendant populations, as suggested by poetry and audiovisual production.

KEYWORDS: Black Diaspora; Paulina Chiziane; American Gods.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende apresentar uma reflexão a respeito do poema “Onde estão eles?” do mais novo livro *O canto dos escravizados* da escritora moçambicana Paulina Chiziane e de uma cena pertencente à série “Deuses Americanos”, baseada no livro de mesmo nome do escritor britânico Neil Gaiman.

Chiziane apresenta em seu primeiro livro de poemas uma profunda preocupação com as situações das populações escravas/afrodescendentes espalhadas pelas Américas em decorrência do contexto da Diáspora Africana no auge dos processos escravocratas em poemas como “Meu grito”, “É um filho meu”, “Perdido para sempre”, “Voltaremos”, “Descalços seguiremos”, “Sereia negra”, “Obrigado, Senhor” entre outros poemas/versos relacionados ao tema. Desta maneira, interessa-me no poema “Onde estão eles?” e em um dos episódios da série “Deuses Americanos”, investigar os elementos referentes à questão da Diáspora Negra.

A série lançada em 2017, nos apresenta a história do protagonista Shadow, que acaba de sair do presídio e descobre rapidamente que sua esposa faleceu devido a um acidente de carro. Na ida ao funeral, Shadow é questionado por um misterioso emprego oferecido pelo enigmático Mr. Wednesday. A partir daí, uma cadeia de acontecimentos fantásticos vão sendo revelados através de várias narrativas a respeito de diferentes crenças, mitos, deuses de regiões e épocas distintas. O interesse na série, para esse trabalho, se dá principalmente por uma cena específica que será detalhada mais à frente.

Assim, pretendo através de três tópicos, lançar as bases da minha discussão da seguinte maneira: 1- *Moçambique: colonialidade, letras e literatura*: Trazer uma breve contextualização da formação das literaturas em Moçambique através de estudos como os de Ana Mafalda Leite e Francisco Noa; 2- *Onde estão eles, querido Anansi?* Apresentar elementos de uma das cenas da série “Deuses Americanos” através da elucidação de José Meihy acerca do personagem Anansi; 3- *Diáspora: memória e poética*: Perspectivas específicas referentes ao debate sobre a formação de estereótipos relacionadas à África próprias de autores como Edward Said e Valentin Yves Mudimbe e a questão da Diáspora Negra a partir de teóricos como Stuart Hall, Paul Gliroy, Prisca Agustoni e Roland Walter, como também uma breve contribuição da teórica Gayatri Spivak acerca de seus estudos sobre subalternidade.

MOÇAMBIQUE: COLONIALIDADE, LETRAS E LITERATURA

Sabe-se que em Moçambique existem textos literários desde o século XVIII, entretanto, esses primeiros escritos eram muitas vezes influenciados por padrões estéticos oriundos da Europa. Na década de 1940, surge a primeira geração que procura afirmar-se como de fato moçambicana, libertando-se do domínio da literatura colonial. José Craveirinha, Rui Knopfli, Orlando Mendes e Noêmia de Sousa são alguns dos nomes desse período (NOA, 2008).

Durante o período colonial, o gênero literário mais exercido foi a poesia em decorrência de razões como o fato da elite intelectual ser pouco numerosa (explicado pelo desenvolvimento tardio do ensino na colônia) e o fato da poesia ser uma forma mais apropriada para enganar a censura, sendo mais facilmente publicada em jornais, revistas e antologias (LEITE, 2012, p. 213).

Nessa trajetória literária moçambicana, as escritas produzidas por mulheres têm seu pioneirismo representado por Noêmia de Sousa (poetisa nas décadas de 1940 e 1950) e Paulina Chiziane, tendo publicado seu primeiro romance “Balada de amor ao vento” em 1990.

De maneira geral, a literatura de Moçambique apresenta como características predominantes: ela surge durante a dominação colonial Portuguesa, apresenta-se como uma literatura bastante jovem, com cerca de cem anos de existência, emerge da área urbana, a maioria dos textos foi disseminada através da imprensa e aborda temas e questões próprias da complexidade da vivência sob domínio de outro país (NOA, 2008).

De acordo com Francisco Noa, essa literatura:

(...) é premonitória não só dos movimentos de libertação, mas também das independências. Portanto há uma antecipação aqui, pela sensibilidade, pela imaginação, e a utopia vai ser uma imagem de marca desta literatura, desta poesia, que nos mostra exatamente que virá sempre um futuro melhor, em que a exploração irá acabar, a colonização irá acabar, e que haverá uma literatura própria (NOA, 2011).

É importante situar a escritora Chiziane no que se refere a sua localização, como pertencente ao contexto de pós-independência de Moçambique. No entanto, são abordados por ela temas variados que revisitam contextos como a colonização/escravidão e processos sociais

contemporâneos decorrentes.

Desta maneira, Chiziane, inspirada nos primeiros trabalhos dos escritores do período colonial, investe em temas que abordam a esperança de um futuro melhor para os povos negros/africanos. O poema abaixo “Onde estão eles?” é um grande exemplo de subsídio literário que permite aos leitores uma extensa e valiosa análise acerca da situação escravista e sua consequente Diáspora dos povos africanos pelas Américas. Chiziane aposta nesse retorno ao passado o qual faz-se necessário para o entendimento de outras conjunturas sociais decorrentes desse contexto específico:

A vida lhes levou por mil caminhos
 Pelos carreiros cheios de espinhos
 Levam consigo a vontade de viver e de vencer
 Arrastam o estigma colocado sobre uma raça
 Continuam nus, sós, desprotegidos
 Tal como desembarcaram das naus de tortura
 Foram enxertados em novas paisagens
 Lutam por fixar raízes no novo chão
 São as vítimas preferidas da polícia
 São a maioria da população das prisões
 Habitam as favelas mais sombrias
 Nas periferias de todas as Américas
 Vivem como animais nas reservas florestais do Equador
 São os varredores das estradas no México, Canadá
 Cortadores de cana em Cuba, Venezuela, Argentina
 São plantadores do ópio na Colômbia e Caraíbas
 Onde está um negro é sempre um lugar de dor e sofrimento
 Cidadão de último grau em todas as partes do mundo

ONDE ESTÃO ELES, QUERIDO ANANSI?

De maneira geral, a série aborda as influências de diversas crenças na formação da cultura norte-americana através de divindades em maior ou menor grau cultuadas. Essas influências e seus graus de culto representam a pluralidade cultural no país e mais do que isso, as desigualdades entranhadas em relação aos contatos com outros povos e outras culturas. Exemplo disso é uma das cenas presentes no segundo episódio da série (Com direção de

David Slade e roteiro assinados por Bryan Fuller e Michael Green).

Nesta cena de pouco mais de sete minutos é apresentado um navio de tráfico humano, em plena travessia realizada por holandeses e com destino aos Estados Unidos, no ano de 1697. Um dos escravizados começa a chamar por Anansi, surgindo em seguida, um personagem, primeiramente em formato de aranha e que vai se transformando em homem ao som de jazz.

Há, nesta cena, uma referência à lenda de matriz oral do entorno da África ganesa de Kwaku Ananse ou Anansi. A lenda conta que houve um tempo onde não haviam histórias no mundo, uma vez que Nyame (O dono do céu), possuía todas as histórias para si. Por sua vez, Anansi propõe a compra dessas histórias e Nyame pede em troca a captura de outros seres. Tarefa espertamente efetuada pelo homem-aranha Anansi, que passa a ter o poder sobre todas as narrativas do mundo (MEIHY, 2014).

Na cena em questão, Anansi conta a história dos negros nos Estados Unidos e a partir de seu relato, incita a revolta dos escravizados no navio após quebrar as correntes que os prendiam:

Escravizado: “Ananse... Ananse... Compe Ananse... Está me ouvindo? Não tenho um presente para você. Mas... És sábio e, apesar de pequeno, sabe como entrar e sair do perigo desarmado. Estes homens estranhos acorrentaram as minhas mãos. Não posso dançar ou cortar frutas para te oferecer. Mas pode ouvir a minha voz. Tire-me daqui e cantarei para você por toda a minha vida. Eu te darei presentes. Couros, ensopados, sedas e os melhores vinhos. Por favor, não sei onde está a minha mãe”.

Anansi: “Ela morreu faz tempo. Ela não quis dar para o Johannes, então, ele a jogou do navio. Sabia que sua mamãe não sabia nadar? Precisam melhorar nisso. Façam aulas de natação. É assim que surgem os estereótipos. Quer ajuda? Deixe-me contar-lhe uma história: “Era uma vez um homem que se fodeu”. Gostaram dessa história? Porque essa é a história dos negros nos Estados Unidos. Merda, ainda nem sabem que são negros. Acham que são só pessoas. Deixe-me ser o primeiro a contar-lhes que todos vocês são negros. No momento que esses holandeses desgraçados puseram o pé aqui e decidiram que eles eram brancos e vocês eram os negros, e essa é a forma gentil que eles te chamam... Deixe-me ilustrar o que espera

por vocês na costa. Vocês chegam nos EUA, terra das oportunidades, leite e mel, e adivinhem? Vocês todos serão escravizados. Serão separados, vendidos e trabalharão até morrer. Os sortudos folgarão no domingo para dormir, foder e fazer mais escravos. Tudo isso, pelo quê? Por algodão? Anil? Por uma camisa púrpura? A única boa notícia é que o tabaco que seus netos cultivarão de graça vai dar muito câncer nesses filhos da puta. E eu ainda nem comecei. Cem anos depois, vocês ainda estarão fodidos. Cem anos depois disto. Fodidos. Cem anos depois de serem libertos, ainda estão sendo fodidos nos empregos e sendo baleados pela polícia. Entendem o que estou dizendo? Este cara entende. Eu gosto dele. Ele está ficando com raiva. Raiva é boa. Raiva... Faz as coisas acontecerem. Vocês derramam lágrimas por Compe Ananse e aqui ele está, dizendo a vocês que estão olhando diretamente para trezentos anos de subjugação, merdas racistas e doenças cardíacas. Ele está dizendo a vocês que não há nenhuma razão para vocês não subirem agora e cortarem as gargantas de cada um desses escrotos holandeses e atear fogo neste navio”!

Outro escravizado: “Mas o navio queimar. Todos nós morreremos”.

Anansi: “Você já está morto, cuzão. Ao menos, morra como sacrifício por algo que valha a pena. Deixem os filhos da puta queimarem! Deixem tudo queimar”!¹

Essa mesma ponte entre passado e presente das populações escravizadas e afrodescendentes se faz presente também no poema de Paulina Chiziane, entretanto de maneiras específicas. Ainda que os objetos de análise deste trabalho sejam um poema e uma cena de série contemporâneas, de acordo com Prisca Agustoni, o século XX se caracteriza pela reelaboração dos signos referentes à questão da Diáspora Negra como também pelos signos culturais decorrentes da chamada descoberta da arte africana e afro-americana no contexto do surgimento das vanguardas europeias no início do século XX. Na área literária, surgiram variados movimentos a partir da década de 1920 que desenvolveram os signos relacionados ao “Atlântico negro” e à mestiçagem decorrente dos processos de colonização na África

¹ Texto retirado da legenda original da série.

e nas Américas realizados pela Europa, como por exemplo, a *Poesía Negra* em Cuba, o *Modernismo* brasileiro, o *Negrismo* das Antilhas, a *Négritude* africana, a *Harlem Renaissance* ou *Black Renaissance* nos Estados Unidos e o grupo brasileiro Quilombhoje (AGUSTONI, 2013, p. 28).

Destá maneira, é importante que nos apropriemos de algumas perspectivas a respeito do conceito de Diáspora Negra para pensarmos suas consequentes adaptações/readaptações em movimentos artísticos. Essas perspectivas referentes à Diáspora Negra exploradas de várias maneiras e em diferentes gêneros de arte constituem um vasto campo de análise, nos quais Paulina Chiziane e a série “Deuses Americanos” agora se inserem. Dando prosseguimento à preocupação de inúmeros/inúmeras escritores/escritoras em relação ao fato desse tema continuar a ser discutido.

DIÁSPORA: MEMÓRIA E POÉTICA

Todo o conceito de Diáspora e suas implicações são de grande importância para pensarmos questões como violências sofridas e vínculos afetivos vivenciados pelos povos negros/africanos, suas religiosidades e memórias dos lugares de origem, como também, lutas e movimentos por sobrevivência, emancipação e reconhecimento enquanto agentes da História, entre tantos outros elementos culturais envolvidos.

O conceito de Diáspora, de maneira geral, nos ajuda a pensar as diferentes dinâmicas e conjunturas sociais em países que vivenciaram processos relativos à Diáspora Negra. Ainda que as diferentes localidades possuam suas próprias especificidades, as análises decorrentes desses múltiplos processos apontam para uma importante crítica, como assinala Roland Walter:

O conceito da diáspora, portanto, oferece uma crítica dos discursos de origens fixas enquanto leva em conta diversas formas de mobilidade pós-/transnacional. Esta mobilidade entre lugares e culturas, escolhida ou imposta, está imbuída de ambiguidade e ambivalência epistêmica, no sentido de que a passagem entre a origem e a chegada parece, muitas vezes, não ter fim: entre a raiz da origem fragmentada e a raiz da chegada desejada – e muitas vezes diferida – surge a rota enquanto estado contínuo (WALTER, 2009, p. 34).

Como observado no poema citado anteriormente, a mobilidade entre lugares e culturas, nesse caso específico (imposta), apresenta essa passagem/rota enquanto estado contínuo nos versos: “Foram enxertados em novas paisagens/Lutam por fixar raízes no novo chão”, indicando, desta maneira, as desiguais situações conectadas aos povos afrodescendentes que Chiziane começa a apresentar já nos primeiros versos: “A vida lhes levou por mil caminhos/Pelos carreiros cheios de espinhos” e que ainda “Arrastam o estigma colocado sobre uma raça”.

Segundo Stuart Hall, situado no contexto caribenho, a interpretação mais aceita do conceito de diáspora é aquela referente ao que se narra no Velho Testamento, onde pode-se fazer um análogo com o “povo escolhido”, escravizado no “Egito”, que sofreu pela “Babilônia” e acompanhada do Grande Êxodo relacionado ao “povo de Jah”, posterior libertação do cativo e retorno à Terra Prometida. Para Hall, esse discurso serviu de metáfora para todos os movimentos libertadores de negros no Novo Mundo (HALL, 2009, p. 28). Podemos pensar em possíveis problemas suscitados a partir desse conceito explorado por Stuart Hall, em termos de sua generalidade e homogeneização no que concerne às distintas e variadas especificidades próprias dos movimentos diaspóricos. Devem ser levadas em consideração essas especificidades próprias das várias rotas pertencentes ao continente africano e suas várias diásporas, bem como todos os movimentos de libertação em suas características próprias. Provavelmente aqui esteja presente um certo estruturalismo no pensamento do autor, no entanto, essa discussão não será realizada neste trabalho. O que se coloca aqui é a ideia geral do conceito de diáspora na teoria de Hall para pensarmos outras perspectivas interessantes de seu trabalho.

Nesse sentido, Hall afirma a respeito desse imaginário teleológico e redentor no contexto caribenho que nesse processo há uma construção identitária que permite ao “povo” em questão estar em contato com um núcleo imutável e atemporal, que liga ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Para Hall, essa linha é o que conhecemos por “tradição”, ligada às origens e sua própria “autenticidade” (HALL, 2009, p. 29).

Faz-se necessário pontuar os trabalhos de Stuart Hall relacionados especificamente aos países caribenhos, a produção audiovisual e a poesia escrita por uma mulher moçambicana que interroga onde estão os descendentes de africanos escravizados. Entretanto, esse ponto de vista de Hall nos proporciona uma importante ferramenta para pensarmos esses diferentes contextos.

Essa linha ininterrupta da qual Hall compartilha, conhecida por

“tradição”, ligada às origens e a sua própria “autenticidade” pode ser percebida na reivindicação da origem/história dos povos africanos escravizados e seus distintos contextos contemporâneos revelados através de versos como: “A vida lhes levou por mil caminhos/Arrastam o estigma colocado sobre uma raça/Continuam nus, sós, desprotegidos/Tal como desembarcaram das naus de tortura/Foram enxertados em novas paisagens/Lutam por fixar raízes no novo chão/Onde está um negro é sempre um lugar de dor e sofrimento/Cidadão de último grau em todas as partes do mundo”.

Por outro lado, podemos pensar também essas diferentes linhas ininterruptas que ligam o passado, o futuro e o presente como processo de construção identitária a respeito do “estigma colocado sobre uma raça”. Desta forma, podemos aproximar determinadas perspectivas teóricas pertencentes à obra de Edward Said (2007) visto que nos proporcionam a possibilidade de pensarmos a questão dos estereótipos criados para legitimar uma dominação colonial de um povo sobre outro dentro do projeto denominado por ele de “Orientalismo”, exemplificada através do trecho da fala de Anansi: “Merda, ainda nem sabem que são negros. Achem que são só pessoas. Deixe-me ser o primeiro a contar-lhes que todos vocês são negros. No momento que esses holandeses desgraçados puseram o pé aqui e decidiram que eles eram brancos e vocês eram os negros, e essa é a forma gentil que eles te chamam...”.

Nos termos de Edward Said, a ideologia Ocidental se utilizou de sua autoridade para escrever a história de outros povos dentro de seu sistema de colonização. Uma leitura que fala mais de uma lógica dos próprios ocidentais do que da realidade de seus “outros”. Esse discurso atesta a criação de estereótipos como parte do projeto de Orientalismo explicado por Edward Said:

Pois o Orientalismo constituía em última análise uma visão política da realidade, cuja estrutura promovia a diferença entre o familiar (a Europa, o Ocidente, “nós”) e o estranho (o Oriente, o Leste, “eles”). Em certo sentido, essa visão criava e depois servia os dois mundos assim concebidos. Os orientais viviam em seu mundo, “nós” vivíamos no nosso. A visão e a realidade material sustentavam-se uma à outra e mantinham-se em andamento. Uma certa liberdade de diálogo sempre foi privilégio do ocidental; como sua cultura era a mais forte, ele podia penetrar, lutar corpo a corpo, dar forma e significado ao grande mistério asiático, como Disraeli certa vez o chamou. Mas o que o que foi antes negligenciado, creio eu, é o vocabulário restrito desse privilégio e as limitações relativas dessa

visão. O meu argumento supõe que a realidade do Orientalismo é anti-humana e persistente. O seu alcance, assim como suas instituições e influência disseminada, perdura até o presente (SAID, 2007, p.78).

É de grande e inegável importância o entendimento das inúmeras concepções estereotipadas (principalmente quando estamos tratando do continente africano) a respeito de suas culturas e de como esses processos se aplicam nos mais diferentes contextos. Outros autores pensam a questão dos estereótipos criados pelos ocidentais para legitimar a superioridade em relação aos africanos como Valentin Yves Mudimbe, que tenta argumentar através de diferentes exemplos como a marginalidade associada à cultura africana não está apenas relacionada às diferentes composições situadas em contextos de colonização, mas também tem relação com as/os Hipóteses/Imaginários/Estereótipos mais gerais desenvolvidos sobre a classificação das sociedades encontrados em formatos diversos e em diferentes campos do conhecimento ocidental, como por exemplo, em trabalhos antropológicos ou até mesmo em discursos presentes em pinturas do século XV (MUDIMBE, 2013).

Esses estereótipos fazem parte de uma episteme que começou a se desenvolver séculos antes, como afirma Mudimbe e nos ajuda a pensar a longa construção desse “estigma colocado sobre uma raça” que Chiziane chama a atenção, problemática revelada também na exigência de Anansi: “Façam aulas de natação. É assim que surgem os estereótipos”.

Esses diferentes e perversos estigmas criados para legitimar violências de todos os tipos sobre as populações africanas também constituem as experiências vivenciadas nos navios de tráfico de humanos rumo às Américas como o espaço representado na cena da série e apontado por Chiziane no verso: “Tal como desembarcaram das naus de tortura”. É significativo destacar que, de maneira geral, não se tem conhecimento exato a respeito dos navios de tráfico humano, uma vez que não se possui peças desses navios. As descrições existentes dos navios derivam de relatos de viajantes e artistas estrangeiros do século XIX (RODRIGUES, 2018).

Ainda assim, a representação nos remete à metáfora sobre o “navio” utilizada por Paul Gilroy: o navio é o primeiro dos cronótopos modernos pressupostos para repensar a modernidade por meio da história do Atlântico negro e da diáspora africana no hemisfério ocidental (GILROY, 2012, p. 61). Ainda que os argumentos utilizados por Gilroy e Hall estejam situados em contextos específicos, é importante ressaltar possíveis diálogos entre os autores referentes às análises em torno das questões sobre a Diáspora Negra.

Gilroy pensa o navio como um sistema vivo, microcultural e micropolítico em movimento e que possuem inúmeras referências em diversos projetos relacionados ao retorno redentor para a África através de discursos políticos e culturais (GILROY, 2012, p. 38). O autor, tendo localizado sua discussão na Inglaterra, argumenta que:

Entretanto, embora derive mais de condições presentes do que passadas, o racismo britânico contemporâneo em muitos sentidos traz a marca do passado. As noções particularmente cruas e redutoras de cultura que formam a substância da política racial hoje estão claramente associadas a um discurso antigo de diferença racial é étnica, que em toda parte está emaranhado na história da ideia de cultura no Ocidente moderno (GILROY, 2012, p. 43).

Ainda que Gilroy esteja se referindo à Inglaterra, o uso da metáfora do navio para a compreensão de contextos próprios da modernidade em relação às populações negras se faz muito pertinente. É importante destacar que os diversos processos escravistas possuem especificidades próprias em suas localidades de atuação, bem como os dessemelhantes tipos de racismo decorrentes deles. No entanto, de acordo com Roland Walter, ainda que existam interações diversas entre diferentes colonizações externas e internas, as culturas foram moldadas de maneira específica levando a trajetórias diferenciadas, contudo, uma das situações em comum que liga os países nas Américas são os efeitos do genocídio etnocultural que continua ativo (WALTER, 2009, p. 146).

Esse genocídio etnocultural assume atuações distintas através dos mais variados processos racistas e em diferentes espaços como declarado por Anansi: “Cem anos depois de serem libertos, ainda estão sendo fodidos nos empregos e sendo baleados pela polícia” e escrito por Paulina Chiziane: “São as vítimas preferidas da polícia/São a maioria da população das prisões/Habitam as favelas mais sombrias/Nas periferias de todas as Américas”.²

Chiziane ainda nos permite localizar a persistência do racismo em vários países: “Vivem como animais nas reservas florestais do Equador/São os varredores das estradas no México, Canadá/Cortadores de cana em Cuba, Venezuela, Argentina/São plantadores do ópio na Colômbia e Caraíbas/

² No contexto dos Estados Unidos, podemos considerar a contribuição de Angela Davis (2018) no que se refere aos seus argumentos sobre a permanência do racismo nas instituições prisionais.

Cidadão de último grau em todas as partes do mundo” nos remetendo à ideia de subalternidade plena que Gayatri Spivak nos acomoda, entendida como “camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p. 12).

É inegável que esse “estigma colocado sobre uma raça”, como apontado por Chiziane, continua atuante em diversos contextos culturais e políticos, bem como indicado no verso: “Continuam nus, sós, desprotegidos” em termos de ausência de cidadania, funcionando assim, como uma herança dessa marca anexada aos povos negros e com várias configurações reafirmadas e reinventadas. Configurações sociais que podemos observar em diferentes países como condições de moradia problemáticas, piores empregos, menores níveis de escolaridade, segregações de diversos tipos, difíceis acessos aos serviços de saúde, entre outras, destinadas/impostas às populações afrodescendentes.

Desta maneira, voltando ao argumento utilizado por Gilroy, seu ponto de vista sobre a Diáspora auxilia-nos na compreensão de contextos sociais, políticos e culturais (realidades distintas e complexas) que continuam a cruzar o Atlântico e que apontam desdobramentos interessantes para análises de campos diversos a exemplo do artístico contemporâneo. O autor chama nossa atenção para as resistências constituídas por diferentes manifestações culturais/artísticas/políticas apesar das violências atribuídas e o intercâmbio dessas mesmas manifestações entre diversos países:

Desde então, a história do Atlântico negro, constantemente zigzagueado pelos movimentos de povos negros - não só como mercadorias engajados em várias lutas de emancipação, autonomia e cidadania -, propicia um meio para reexaminar os problemas de nacionalidade, posicionamento [location], identidade e memória histórica (GILROY, 2012, p. 59).

Na cena descrita, a revolta realizada pelos escravizados no navio, provocada pelo poder de narração de Anansi, pode ser elencada como exemplo dessas várias lutas de emancipação e autonomia dos povos afrodescendentes. É importante salientar que muitos escravizados acreditavam que seriam devorados pelos brancos e por isto, muitas revoltas eram realizadas nos navios. Ainda que os escravizados fossem vigiados, mal alimentados e sofressem inúmeras repressões, eles causavam inúmeras revoltas. Inclusive, essas

revoltas preocupavam as equipagens dos navios em razão do menor número de tripulantes (RODRIGUES, 2018). Já em relação ao resgate da memória histórica, próximo do que foi discutido por Gilroy, Roland Walter assinala:

O fato de que as comunidades negras nas Américas têm forjado culturas compostas a partir das ruínas do holocausto histórico, por meio de uma criatividade mítico-poética, caracterizada por diversos processos de apropriação, ilustra o importante papel da memória neste processo de resistência. O ato de recordação – um complexo processo seletivo que (re)codifica imagens e pensamentos – que dá acesso à memória é um ato de resistência à perda, expropriação, desterritorialização e desarraigamento sofridos pelos afrodescendentes pan-americanos (WALTER, 2009, p. 20).

Dentre tantas manifestações culturais constituídas a partir das ruínas do holocausto histórico, como pensado nos termos de Roland Walter, a poética e a produção visual se inserem nesse processo de resistência através do uso do recurso da memória, trazendo à tona o tema da Diáspora Negra, como também seus contextos diversos de desigualdade decorrentes dela e associados às populações afrodescendentes.

As denúncias sociais realizadas pela poetisa e pela produção audiovisual possibilitaram determinados diálogos iniciais com Agustoni (Com sua contribuição acerca dos Movimentos literários que apresentam elementos próprios da questão da Diáspora), Hall (Elementos relacionados aos contextos da Diáspora Negra e da identidade), Gilroy (Sua metáfora a respeito do “Navio negreiro” e implicações contemporâneas), Said (Seu projeto do Orientalismo que contribui no entendimento das formações de estereótipos sobre determinadas culturas), Mudimbe (Seus argumentos sobre os estereótipos criados sobre os povos africanos, especificamente), Spivak (Seu trabalho sobre as condições subalternas direcionadas àqueles que não são escutados) e Walter (Sua importância ao uso da memória como instrumento em processos de resistência e a respeito do genocídio etnocultural como consequência dos processos diaspóricos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É desta maneira que Paulina Chiziane através de sua visibilidade como escritora moçambicana e a série “Deuses Americanos” continuam

a denunciar as muitas violências sofridas pelos povos negros por meio de denúncias de contextos onde não há cidadania para essas populações. Reivindicando para esse objetivo, um resgate da memória histórica para validar suas acusações. Afinal de contas, ainda que existam tantas resistências através de movimentos sociais, artísticos, etc, os percursos são longos e constituídos por numerosos obstáculos.

É de grande importância que tenhamos sempre várias vozes artísticas revisitando o tema da Diáspora Negra, alargando esse espaço já frequentado por outras/outros escritoras/escritores, trazendo novas contribuições (outros mapeamentos de fluxos diversos e diálogos entre culturas) para um entendimento ainda maior das heranças racistas, dos processos de desigualdade e de resistências das populações afrodescendentes.

Como colocado acima, essas obras recentes e de gêneros distintos são constituídas por um amplo campo de possibilidades poéticas e de análises teóricas interdisciplinares ao abordar temas variados, não somente referentes à questão da Diáspora Negra, mas em relação a outros temas de grande relevância social.

REFERÊNCIAS

AGUSTONI, Prisca. *O Atlântico em movimento: signos da diáspora africana na poesia contemporânea de língua portuguesa*. Belo Horizonte: Mazza edições, 2013.

CHIZIANE, Paulina. *O canto dos escravizados*. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

DAVIS, Angela. *Estarão as prisões obsoletas?* Rio de Janeiro: Difel, 2018.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

LEITE, A. M. A prática narrativa em Moçambique
In: *Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2012.

MEIHY, José. *Teias narrativas*: Aracne, Anansi e o Homem-Aranha. Organicom, ano 11, número 20, 1º semestre 2014 (Disponível em: <https://docplayer.com.br/24882033-Teias-narrativas-aracne-anansi-e-o-homem-aranha.html> Acessado em: 23/09/2018).

MUDIMBE, V.Y. *A Invenção de África*: Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento. Portugal: Edições Pedagogo, Lda, 2013.

NOA, Francisco. *Literatura Moçambicana*: os trilhos e as margens In: Moçambique: das palavras escritas. Orgs: RIBEIRO, Margarida Calafate e MENESES, Maria Paula. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

NOA, Francisco. *Entrevista concedida a Eliane Veras Soares e Remo Mutzenberg*. Maputo, 2011.

RODRIGUES, Jaime. Navio negreiro In: GOMES, F. dos Santos; Schwarcz, L. Moritz. *Dicionário da escravidão e liberdade*: 50 textos críticos. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SAID, Edward. *Orientalismo*: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakraavorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

WALTER, Roland. *Afro-América*: diálogos literários na diáspora negra das Américas. Recife: Bagaço, 2009.